

Usinas de cana empregam menos, porém pagam mais

Por Camila Souza Ramos

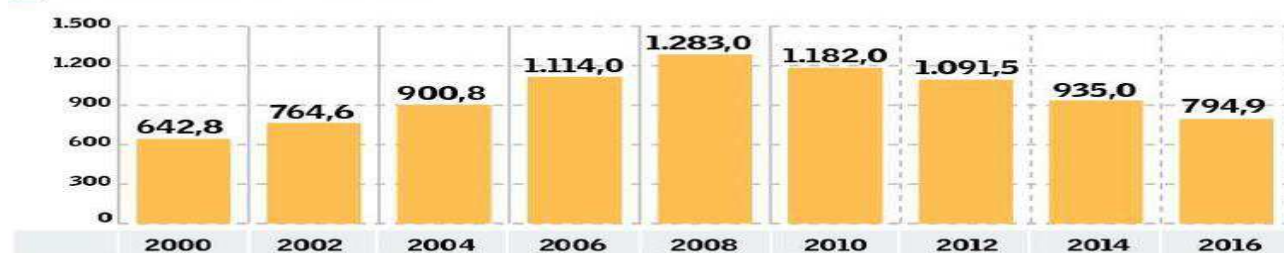
O setor sucroalcooleiro empregava em 2016 menos trabalhadores do que empregava antes do "boom" do etanol na primeira década deste século, mas os salários estão quase 50% maiores. Essa transformação, resultado de mudanças regulatórias, tecnológicas e de mercado que ocorreram nesse período, foi identificada por estudo do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP.

Na avaliação do pesquisador da equipe de macroeconomia do Cepea, Leandro Gilio, a tendência verificada no estudo foi mantida em 2017. Segundo ele, que é um dos autores do estudo, a reforma trabalhista ainda não teve impactos significativos sobre o setor sucroalcooleiro no ano passado. "Talvez ano que vem tenha", disse.

Trabalho nas usinas

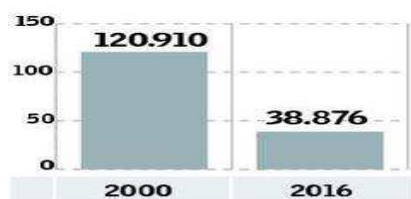
Histórico de quantidade e perfil de empregados*

Trabalhadores - em mil

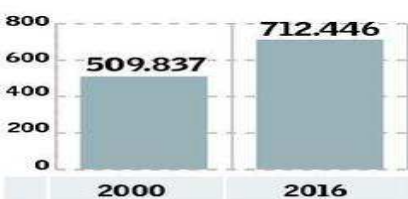


Perfil dos trabalhadores

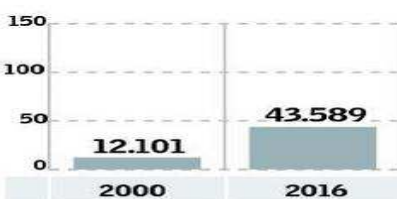
Analfabetos



Com 1 a 13 anos de estudos



Com mais de 13 anos de estudos



Fonte: Cepea, com dados da RAIS.* Registrados

INFORME

Conforme o estudo, há dois anos, o setor empregava formalmente 749,9 mil trabalhadores no país. Esse foi o menor número de empregos formais desde 2004, quando as usinas empregaram 900,8 mil pessoas. Em 2002, o número de trabalhadores registrados foi um pouco menor, de 764,6 mil.

No período de 2000 a 2016 considerado no levantamento, houve uma primeira etapa de expansão das contratações, que atingiu o ápice em 2008, e posteriormente um período de retração. No primeiro período, o número de empregos formais quase dobrou, saindo de 642,8 mil em 2000 para 1,3 milhão oito anos depois.

A situação mudou em 2008, quando dois fatores contribuíram para a reviravolta, segundo o Cepea. O primeiro foi a mudança decorrente da assinatura do protocolo agroambiental pela União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica) e pelo governo paulista que antecipou a eliminação da queima da palha no Estado, o que seria realizado através da mecanização da colheita da cana. Isso desencadeou um processo de substituição dos trabalhadores que faziam o corte manual da cana por máquinas colhedoras.

O segundo fator foi a crise econômica internacional que eclodiu naquele ano, atingindo diversos setores da economia. A situação, diz o estudo, foi agravada pela crise vivida pelas usinas a partir de 2010 com o controle dos preços da gasolina pelo governo, o que resultou no fechamento de unidades.

Como consequência, de 2008 para 2016, o número de trabalhadores na área agrícola caiu 46%, para 555,9 mil. Até 2012, a redução dos empregos ficou concentrada no campo, poupando os empregos nas áreas industrial e administrativa, o que evidencia os impactos da mecanização. Já a partir de 2012, com a crise do setor sucroalcooleiro, houve também redução nos empregos formais na indústria e na área administrativa. Dessa forma, nesse período de 2008 a 2016, o número de trabalhadores formais contratados pelas usinas recuou 38%.

Em contraposição, a "qualidade" dos empregos melhorou nesses 16 anos, segundo o Cepea. De 2000 a 2016, o salário médio dos trabalhadores das usinas cresceu 46,9%, já descontando a variação do IPCA com base em outubro de 2017. Em 2016, o salário médio real era de R\$ 2.839, ante R\$ 1.932 em 2000. Não houve redução da média salarial em nenhum ano, mas a valorização passou a ser mais pronunciada a partir de 2006, início do movimento de mecanização, mostra o estudo do Cepea.

(Colaborou Luiz Henrique Mendes, de São Paulo)

(Fonte: Valor Econômico – 13/07/2018)

INFORME

Emprego na construção tem alta tímida em maio

VIVIAN ITO • SÃO PAULO

Com uma retomada frustrada, a contratação na construção civil brasileira continua estagnada. O nível de emprego em maio teve alta de 0,17% ante abril. Contudo, na comparação com o mesmo período de 2017, a queda foi de 2,08%. A ligeira elevação do emprego em maio não deve ser interpretada como uma retomada do crescimento da construção, comenta o presidente do SindusCon-SP, José Romeu Ferraz Neto. “Nos primeiros cinco meses deste ano ainda estamos com 77 mil empregos a menos, em comparação com o acumulado do mesmo período do ano passado, e com o mesmo contingente de trabalhadores de maio de 2009”, afirma o executivo. Ao se desconsiderar os efeitos sazonais, o emprego registrou -0,16% em maio na comparação com abril. Os dados são da pesquisa realizada pelo SindusCon-SP em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base em informações do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE).

Segmentação

No mês de maio, na comparação com abril, as maiores altas foram em infraestrutura (0,80%), engenharia e arquitetura (0,67%) e preparação de terreno (0,27%). Na outra ponta, houve redução em obras de acabamento (-0,75%) e incorporação de imóveis (-0,32%). Já na análise em 12 meses, houve queda em quase todos os segmentos pesquisados, com exceção de engenharia e arquitetura (4,05%). As maiores baixas foram em obras de acabamento (-4,09%), imobiliário (-3,90%) e incorporação de imóveis (-3,45%).

Localidades

Na estratificação por local, os resultados de maio na comparação com o mês anterior mostram elevação dos níveis de emprego nas regiões Norte (2,33%), Sul (0,07%), Nordeste (0,06%) e Sudeste (0,05%). A exceção foi o Centro-Oeste, com queda de -0,07%. No Sudeste as altas foram em Minas Gerais (1,55%) e Espírito Santo (0,19%). Registraram queda São Paulo (-0,50%) e Rio de Janeiro (-0,33%). Na região Sul, o emprego na construção cresceu apenas no Paraná (0,48%). Tiveram baixa Santa Catarina (-0,23%) e Rio Grande do Sul (-0,11%). No Nordeste, apenas três estados apresentaram avanço nas contratações: Ceará (2,34%), Rio Grande do Norte (0,93%) e Sergipe (0,36%). Já o Maranhão não apresentou alteração no saldo de empregos no período. As maiores baixas foram em Pernambuco (-1,40%), Alagoas (-0,58%) e Paraíba (0,51%). Na região Norte, as principais altas foram em Tocantins (7,66%), Pará (3,08%) e Rondônia (3,05%). Roraima e Amazonas tiveram baixas de 6,50% e 1,55%, respectivamente.

(Fonte: DCI – 13/07/2018)